



VOZ DA FÁTIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE JULHO)

Vigilia de armas — A torrente caudalosa das multidões — A imponente procissão das velas — Espectaculo assombroso e emocionante — Vibrantissimo hino de Fé — Mais perto de Deus.

As primeiras sombras nocturnas descem lentamente sobre a Cova da Iria. E' a vespera do dia em que se comemora a terceira aparição da Rainha do Céu aos humildes pastorinhos de Fátima. Uma multidão compacta de alguns milhares de pessoas, de ambos os sexos, e de todas as idades e categorias sociais, aglomera-se junto dos santuários. Aproxima-se a hora do espectáculo mais deliciosamente emocionante, que já mais olhos humanos lograram contemplar em terras de Portugal e que só ali, naquela estancia bendita do Céu, se oferece á vista das multidões maravilhadas, extasiando as almas e abrasando os corações.

O tempo passa veloz. Entretanto as estradas de Torres Novas, da Batalha e de Vila Nova d'Ourem e os caminhos e atalhos da montanha despejam sem cessar novas vagas de peregrinos no lago imenso da planície sagrada.

De repente, naquele local privilegiado, opera-se, como que por encanto, uma assombrosa e encantadora mutação de cenário. O vasto anfiteatro, até então silencioso e imerso nas trevas da noite, anima-se com os canticos em honra da Virgem e inflama-se com os milhares de lumes que se acendem para a grandiosa procissão das velas. Dali a pouco, na suavidade da noite estrelada e calma, desenrola-se a perder de vista uma longa e deslumbrante fita de luz que, sobe á estrada, passa sob o portico monumental e desce pela grande avenida até se concentrar junto da capelinha das Aparições. daquelas almas, empolgadas pela crença, daquêles peitos impulsionados pela piedade, sai então, como um protesto veemente contra todas as negações impotentes da impiedade, um vibrante hino de Fé e de esperança cristã — as magestosas e sublimes afirmações do Credo.

Ditosos, incomparavelmente ditosos, aquêles momentos solenes, em que parece efectuar-se um místico contacto entre a terra e o Céu, e os corações dos homens, alheados do mundo vil e mesquinho, e desprendidos das coisas efemeras deste vale de lágrimas e de misérias, se elevam, tocados pela graça divina, para as regiões misteriosas de além-tumulo, acolhendo-se ao seio paternal e misericordioso de Deus.

Noite de oração, de penitencia e de repouso — O primeiro capelão privativo dos santuários — Jesus-Hostia sempre presente na Cova da Iria — No limiar da vida e ás portas da eternidade.

Após uma noite passada sobre a terra dura e fria, no recolhimento da oração e na contemplação das verdades eternas ou no descanso das fadigas de uma longa e penosa viagem, os peregrinos, acampados na Cova da Iria ou nas suas imediações, erguem-se, ás primeiras horas da manhã, com as forças da alma e do corpo restauradas, para dar inicio ás práticas religiosas que uma piedade acrisolada lhes inspira.

A partir deste dia, o glorioso santuário de Fátima possui um capelão privativo.

Sua Excelencia Reverendíssima, o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, realisando um seu desejo muito ardente e muito antigo, que era tambem o de todos os peregrinos dignou-se nomear, por carta datada do dia 13 de Julho, capelão de Nossa Senhora de Fátima, o rev. do Manuel de Sousa, ex-pároco de Ceissa.

Novo e de constituição robusta e saudavel, dotado duma intelligencia lucida e duma cultura invulgar realçadas pelos primores duma educação esmerada, cheio de zelo pela gloria de Deus e pela santificação das almas, tudo permite esperar que o primeiro capelão da Lourdes portuguesa justificará a escolha que o ilustre

lecer ali a sua morada permanente, a Providencia dispõe que dos sete sacramentos, fontes perenes de vida sobrenatural, o primeiro e o ultimo sejam administrados a duas peregrinas.

Mediante previa autorisação do venerando Prelado, pela mão unguida do rev. do Agostinho Marques Ferreira, zeloso pároco de Fátima, as aguas lustrais do Baptismo caem sobre a cabeça de uma criança do sexo feminino, a quem ãle põe o nome de Maria, fazendo-a nascer para a vida da graça e tornando-a filha adoptiva de Deus e membro da Igreja.

E aquella mão sagrada que regenera a privilegiada menina, pouco depois administrava a Extrema Unção a uma



Outro trecho da peregrinação nacional de 13 de Maio ultimo

Prelado diocesano fez da sua pessoa para o desempenho desse logar de tamanha responsabilidade e de tão honrosos como pesados encargos.

A nomeação dum capelão permanente cuja posse se efectuou neste dia sem as solenidades usuais em tais circunstancias, implica outra graça importantissima, que o venerando Prelado de Leiria se dignou tambem conceder: a conservação habitual do Santissimo Sacramento no local das aparições.

D'ora avante, os peregrinos de Fátima encontrarão ali, a toda a hora do dia e da noite, o Rei do Céu e da terra, realmente presente no seu Sacramento de Amor, e associarão, no doce desafio da sua piedade e nas fervorosas homenagens da sua devoção, o culto latreutico de Jesus-Hostia ao culto de hyperdulia em honra da augusta Mãe de Deus. Como penhor das bênçãos do Céu sobre esta terra de mistérios e de prodigios, precísa mente no dia em que Jesus se digna estabe-

doente do Alentejo, que a todos que a viam enchia de comiserção e que, mercê da gravidade do seu estado, não poudo sair do automóvel que a transportava e que teve de ir para junto do recinto reservado aos doentes.

O registo dos enfermos — Cura de duas creadas de servir do Porto — Sofrimento e resignação — Devoção dos Peregrinos — A agua miraculosa — As servas e os servos de Nossa Senhora do Rosario — A oração dos fieis.

São nove horas. A multidão que enxameia na Cova da Iria, em torno dos Santuários ou junto das fontes da água mi-

raculosa, torna-se cada vez mais densa e compacta.

De todos os lados afluem a cada momento novos peregrinos. No Posto das verificações médicas procede-se ao exame dos doentes, fazendo-se a inscrição dos seus nomes no registo respectivo e entregando-se-lhes a senha de ingresso no pavilhão da capela das missas. Em poder da comissão canonica acham-se mais dois atestados médicos: os que comprovam a cura de duas creadas de servir do Porto no dia 13 de Setembro ultimo em Fátima, curas que hoje publicamos noutro lugar.

O pavilhão dos doentes vai-se enchendo a olhos vistos de vítimas de todos os males físicos que afligem a pobre humanidade. Nos seus rostos emaciados por longos e cruciantes sofrimentos reflecte-se a paz e serenidade de almas alentadas pelo doce conforto da esperança e da resignação cristã.

Na capela comemorativa das aparições numerosos devotos cumprem as suas promessas, rezam com fervor á Virgem do Rosário, solicitando graças ou agradecendo beneficios recebidos, ou tocam medallhas, terços e outros objectos de piedade na sua linda e veneranda Imagem.

Em torno da primeira fonte comprime-se, desde as primeiras horas da manhã, uma multidão enorme de fieis, que aguardam a sua vez de recolherem em recipientes, que trazem consigo para esse fim, a preciosa limpa, instrumento de tantas maravilhas que atestam o poder e a bondade maternal de Maria Santissima.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, em numero de muitas dezenas, exercem sem descanso a sua missão abençoada, efectuando o transporte dos enfermos, mantendo o serviço de ordem ou prodigalizando as finezas da sua caridade a tantas almas martirisadas pela dôr, a tantos corpos torturados pela doença.

E' quasi meio-dia solar. Já algumas dezenas de sacerdotes celebraram Missa. Já muitas vezes quasi incessantemente, foi administrado o Pão dos Anjos. Já a multidão aglomerada em volta do recinto destinado aos doentes, aguarda ansiosamente os ultimos actos officiais da peregrinação. A oração é mais intensa, o silencio e o recolhimento cada vez maiores. De todos os pontos do vasto anfiteatro acorrem numerosos peregrinos que vão engrossar consideravelmente a assistência. Um profundo e vivo espirito de Fé anima aquelas almas prostradas em face do altar, onde adoram escondido na Hóstia santa o Deus de amor, e um sopro quente de esperança eleva-as acima das mesquinhas preocupações da terra até aos paramos serenos e reconfortantes da vida sobrenatural e divina.

Tudo se prepara para a missa e benção dos enfermos.

O cortejo da Virgem — Uma missa nova — A fé e a piedade dos peregrinos — A Benção dos doentes — O Sermão official.

A sineta do sanctuário adverte os peregrinos de que a missa dos enfermos vai começar.

Lá em baixo, ao pé da capela das aparições, nota-se um movimento desusado. E' a procissão que se está organisando. A branca estátua da Virgem é tirada do seu pedestal e conduzida aos hombros dos servitas para a capela das missas. Milhares de pessoas acompanham a Imagem, num impulso edificante de fé e piedade.

Quando ella chega ao limiar do pavilhão, um fremito de amor e de alegria agita aquele mar imenso de almas.

Milhares de lenços brancos fluctuam no ar semelhantes a lindas pombas, estregem no espaço vivas e aclamações á Virgem, estrealizam nutridas salvas de palmas e lágrimas de comoção brotam de todos os olhos.

Um côro de vozes, másculas e bem timbradas, canta em unisono o *Credo* de Lourdes.

Terminado o canto, sobe ao altar central o novel sacerdote, rev.do dr. Mário Lopes de Carvalho de Torres Novas, que vai celebrar pela primeira vez o augusto sacrificio dos nossos altares.

Assistem-lhe os rv.dos Joel de Deus Magno e António Pires e serve de padrinho o rev.do João Nunes Ferreira, capelão dos servitas de Torres Novas. A missa principia no meio da comoção geral dos assistentes, do pranto desfeito dos sacerdo-

tes e das manifestações inequivocas da piedade de todos os fieis.

O rev.do dr. Marques dos Santos reza o terço do Rosário alternadamente com o povo. Depois da elevação, canta-se um hino liturgico em honra do Santissimo Sacramento.

Acabada a missa, o celebrante revestese de capa de *asperges* para dar a benção. Cantado o tocante *Adoremus in aeternum*, desce os degraus do Altar, e dá a benção com o Santissimo a cada um dos enfermos. Depois, volta ao altar, e cantado o *Tantum-ergo*, traça, sobre a multidão ajoelhada a seus pés, o sinal augusto da nossa redenção com a Custodia de ouro, em que Jesus repousa na Hóstia Santa como num trono de misericórdia e de amor.

Sobe em seguida ao pulpito o rev.do Castelo Branco, sobrinho de Camilo, que veio expressamente pregar na missa nova do rev.do dr. Mário de Carvalho e, que a proposito desse acto, fez um substancioso e eloquente sermão.

Depois do sermão, reorganisa-se o cortejo afim de se conduzir a Imagem da Virgem para o seu pedestal na capela das aparições.

Os sacerdotes, as servitas e o povo acompanham a Imagem, soltando aclamações e entoando canticos, seguindo-se depois a tocante cerimonia do beija-mão do novo sacerdote.

Os peregrinos dispersam pouco a pouco. O sol desce no horizonte, entre as brumas da montanha distante. As primeiras sombras da noite envolvem aquella mansão privilegiada da Virgem. São raros os fieis que ao pôr do astro-rei se encontram na Cova da Iria. Já não se ouve o brando ciciar das preces, nem os soluços abafados dos enfermos, nem o murmúrio das vagas da multidão que se entrechocam. Apenas de vez em quando, trazido nas azas do vento, chega áquele logar de paz bendita, o som da buzina de algum automóvel ou o echo apagado de algum cantico em honra da Virgem atestando as comoções do dia e a saudade daquêles logares povoados de mistérios e transbordantes de graças e de prodigios.

Visconde de Montello.

Flôres de martirio...

Santa Inês — Heroína

Daquella Menina Maria Eulália que os nossos leitores já conhecem recebemos o prometido artigo sobre Santa Inês que hoje publicamos sob o titulo «— Flores de martirio — Santa Inês — heroína.

De bom grado lhe damos o nosso cantinho e talvez por muito tempo. Ella não nos levará a mal esta cedencia. As nossas occupações não nos permitem o luco de collaboradora assidua de «A Voz da Fátima.»

Mas não importa que fica occupado com vantagem o nosso posto.

Uma servita

Não sei que suave perfume se evola da figura de Inês que a torna simpática e querida a quem quer que a conhece.

— Porque era nova?
Talvez. Tinha apenas 13 anos. Era uma creança.

Mas isto não bastaria.
Ha tanta creança antipática...

— Porque era rica?
Não. A riqueza não torna ninguém simpático.

— Porque era nobre?...

Não. Ha tanto nobre criminoso e mau...
Donde lhe vem então o encanto que a envolve?

Donde o amor que ella desperta?
Ah! E' que acima e além disso tudo Inês era uma creança pura innocente, era um botão de rosa cortado para desabrochar no céu.

Sendo mulher foi forte a ponto de vencer os algozes e os seus tentadores alcançando sobre elles brilhantes victorias. O prefeito da cidade de Roma donde era natural chama-a diante de si e enlevado pela peregrina beleza daquela jovem, propõe-lhe o matrimonio.

— Não, responde Inês. Eu fui desposada por Aquele a Quem os Anjos servem, cuja beleza o sol e a lua admiram.

A Elle só guardo fidelidade.
— Olha bem, Inês, não vás perder a

vida que ainda não começaste a gosar.
— Quê?! Serei eu infiel A'quele que me coroou por esposa, me mostrou, os seus inapreciaveis tesouros enchendo-me de brincos de pérolas e depois de me ornar de imensas joias me deu o anel dos esponsais?...

Ah! Eu amo só a Cristo que me entregou lindas e fulgurantes pedras preciosas.
— Não cedes Inês?...

Condenar-te-hei.

Atravez da multidão que assiste ao julgamento sumário perpassa um movimento de comiserção por aquella creança tão linda, tão pura, tão simpática, tão encantadora.

Morrer tão nova?... E por querer... Que loucura!...

Mas o inferno enraivece-se... Ser vencido por umá menina de 13 anos? Que vergonha!...

Nova batalha.

Era a innocência, a candura, a virgindade que mais resplandeciam em Inês.
Espõem-na porisso numa casa infame.

Mas Inês vê os cabelos crescerem-lhe até cobrirem todo o corpo que mais tarde S. Damaso chamaria o «*templo do Senhor.*»

E livre por um Anjo que aí a protege e defende volta de novo ao tribunal.

E' condenada á fogueira mas as chammas não lhe tocam e triunfando Inês canta de lá: «*Grças a ti Senhor Omnipotente, Adorável e Venerando porque, pelo teu Santo Filho me salvei das ameaças do sacrilego tirano e passei immaculada pela imundicie carnal e agora venho para junto de Ti a Quem ameí, a Quem procurei por Quem sempre anhelei.*»

Vencido, o tirano condena-a á decapitação. Exulta Inês e caminha alegre para o lugar do supplicio.

Todos choram, só ella não.
Admiram-lhe a coragem, o despreendimento da vida que tão prodigamente entrega, ella que mal era ainda senhora de si.

Enfurece-se o algoz: não teme!
Desfez-se o tirano em seduções: não cede!

Estendem-lhe muitos a mão: não aceita:

Fiel ao Divino Esposo anelando juntar-se a Elle em eternas nupcias, Inês volta-se para o carrasco e diz-lhe:

Aquele que primeiro me escolheu por esposa é que me ha-de possuir!

Porque esperas?
Pereça este corpo que pode ser amado por olhos que eu não quero que o amem.

Ora um momento.
Depois inclina a cabeça esperando o golpe:

O algoz hesita, treme-lhe a mão.
Empalidece...

Anima-se, levanta o braço e deixa cair a machada sobre o pescoço da virgem.

A cabeça rola pelo chão e o sangue vai sagrar o solo de Roma, envolvendo-o nos doces perfumes do martirio.

Era mais uma flor de pureza de castidade, de virgindade que ia florescer no celestial Eden.

E de lá ainda hoje atravez de tantos séculos encanta e atrai esta figura delicada e heroica de Inês.

Ah! Quão grande bem não faz ás nossas almas contemplar de quando em quando estas figuras inamoradas de Jesus e da Sua Virginal Pureza!...

Quando atravez de tanta corrupção na familia e no individuo podemos aspirar por momentos o inebriante perfume de lírios como Inês sentimo-nos elevadas a regiões mais puras.

Foi a vista da sua imagem, a recordação da sua figura que num momento de tentação me chamou ás doces realidades da virtude, da innocência e da candura.

Maria Eulália

O TRABALHO AO DOMINGO

O trabalho ao domingo faz maior numero de victimas do que geralmente se pensa.

Porque ha por ahí tantas mortes prematuras, tantas saudes alteradas, tanta

gente doente entre as classes principaes é, sem duvida, a violação do descanso dominical.

O corpo do homem é certamente uma maravilhosa e potente maquina creada pelo mais habil dos artistas, mas, por mais resistente que seja, não pode funcionar indefinidamente e carece de repouso.

O divino obreiro, que calculára a dimensão e a força de todas as molas empregadas na composição do corpo humano, é muito competente para calcular tambem o tempo e fixar a medida do trabalho, que o mesmo corpo pode produzir sem se deteriorar.

Ao mesmo tempo que o grande artifice, o ponderador de todas as coisas, promulgava a lei do trabalho dos seis dias, fixava do mesmo modo a outra lei do descanso no setimo. Portanto a guarda do domingo está em harmonia com a constituição física e moral do homem.

Se o trabalho do homem ultrapassa muitas vezes e notavelmente o periodo de seis dias, as suas forças enfraquecem e esgotam-se. E se o homem moral depois de seis dias de trabalho material, gasto em grangear os meios de subsistencia, não pode levantar os olhos e o pensamento ás coisas imateriais e religiosas, embrutece-se e torna-se elle mesmo material como as obras a que se entrega.

Se o povo fosse, ao domingo arrancado aos seus trabalhos forçados, e se lhe fosse permitido ir livremente ouvir na igreja a palavra de Deus, seria infinitamente menor o numero dos delinquentes e dos castigados.

Para levar as populações ao respeito dos direitos do proximo e da sociedade, é mister que ellas sejam antes de tudo instruidas nos seus deveres para com Deus.

Ora esta instrução religiosa e moral torna-se impossivel para as classes operárias entregues ao domingo ás suas occupações servis.

E' ao domingo que o povo vai á igreja aprender junto dos altares e da cadeira sagrada os seus deveres para consigo mesmo, para com os seus semelhantes e para com o seu Creator.

Esta educação moral comunica ao povo o sentimento da sua dignidade e das suas obrigações, sujeita-o a habitos honestos, torna dôces e urbanos os seus costumes, regula os seus trabalhos e labutações domesticas e lhe inspira o amor do que é justo, o respeito do direito e da autoridade. E que acesso pode ter a religião junto das populações se as não pode reunir aos domingos para lhes fazer ouvir a sua voz?

Ora estas reuniões na igreja são impossiveis se o homem do povo se entrega, no domingo, aos seus trabalhos ordinários.

E' necessário, pois, o descanso dominical para moralisar o povo e para haver tempo de o instruir nos seus deveres.

O domingo deve dar descanso e moralisar. Durante seis dias o homem exerce o seu império sobre os entes de ordem inferior, mas pelo seu império e accção sobre a criação material não deve o homem assimilar-se a ella, nem descer ao seu nivel. Deve, de tempos a tempos, erguer a fronte para o céu e tomar descanso nesse dominio, de que Deus o constituiu rei. Ora sem o repouso do domingo, o homem seria apenas o primeiro entre os seres terrestres que governa, e esqueceria que o seu destino o eleva a mais alto que isso.

Depois de se haver apropriado, pelo seu trabalho, de todas as creaturas colocadas abaixo dele, deve, pelo nobre e santo descanso do domingo, voltar-se para Deus, sua origem e seu fim.

Se obrar de outro modo, e, se sem interrupção nem repouso, se mantiver afastado de Deus e sempre absorvido pelas suas lidas, tambem Deus se afastará dos seus negócios, que cessando de ser regulados pela lei divina «a usura e a fraude prevalecerão nas praças publicas», nos bancos, nos armazens, nos escritorios.

Vêr-se-hão iniquidades que bradarão ao céu, fortunas escandalosas, prosperidades sem honra, perfidias atrosas, decepções inauditas, catastrophes sem nome.

Acostumar os homens a crer que todos os dias são igualmente bons para ganhar dinheiro, é como que persuadi-los de que tambem todos os meios são licitos e honestos para chegar á fortuna e ao bem-estar.

E é isto o que infelizmente se está vendo com frequência nos logares onde o dia do Senhor já não é conhecido nem santificado.

Não troquemos o tempo que passa rápido pela Eternidade que nunca mais finda.

AS CURAS DA FATIMA



Rosa Maria Ribeiro, de 22 anos de idade, solteira, natural de S. Tomé do Vade, Ponte da Barca, sofria há 16 meses duma «ulcera gastrica» que muito a fazia sofrer. Fez tratamento durante 10 meses na sua terra com o Ex.mo Snr. Dr. Bernardo Vieira Ribeiro. Não obtendo melhoras algumas foi aconselhada a que entrasse no Hospital de Ponte da Barca onde permaneceu 2 meses sem resultado algum. O mesmo medico foi então de opinião que viesse para o Porto para dar entrada num Hospital onde deveria ser operada.

Veio para o Porto onde esteve em casa da Ex.ma Familia Pestana durante 6 meses em virtude da doente ter horror á operação que parecia inevitavel.

Nesta cidade começou tratamento com o Ex.mo Senhor Dr. Albino dos Santos mas como a cura parecia impossivel sem operação, chegou a ser vista pelo Ex.mo Sr. Dr. Couto Soares para dar entrada no Hospital. Este medico foi da opinião dos seus colegas, que a doente devia entrar imediatamente porque a doença tinha-se agravado bastante nos ultimos tempos.

Desde o principio da doença submeteram-na ao regimen lacteo, porem desde os fins de agosto que difficilmente conservava o leite no estomago, tendo varios sintomas da gravidade da doença. A doente encontrava-se num grande estado de fraqueza, o que dificultava a autorisação do medico assistente para a sua ida á Fátima como era seu desejo. Foi lá no dia 12 de setembro do ano findo, incorporando-se numa pequenina peregrinação de 33 pessoas, que do Porto se dirigiu á Cova da Iria e na qual iam trez doentes, dois dos quais vieram curados fisicamente e um moralmente.

A doente fez muito má viagem, ficando em Leiria onde passou uma noite pessima. Na manhã de 13 dirigiu-se á Cova da Iria onde esteve sem tomar alimento algum até cerca da 1 hora da tarde. Recebeu Nosso Senhor e assistiu á Missa dos doentes com bastante sofrimento. A benção dos doentes não sentiu modificação alguma no seu estado, porem á benção geral do povo sentiu-se repentinamente curada bem como a sua companheira doente, Narciza de Jesus Teixeira.

Ficou muito bem disposta e com appetite, tomando terminadas todas as ceremonias alguns alimentos frios sem se sentir mal. Fez ótima viagem para o Porto, no meio de grande alegria e até hoje não voltou a ter mais sintomas alguns da doença. Engordou e tem muito bom aspecto. Vem tornar publico o seu reconhecimento a Nossa Senhora. Envia dois atestados dos medicos, comprovativos da sua cura.

ATESTADO

Eu abaixo assinado Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e medico municipal em Ponte da Barca, atesto pela minha honra que Rosa Maria Ribeiro, solteira, da freguesia de S. Tomé do Vade, deste concelho, foi por mim tratada desde o mez de maio de 1925 até março de 1926, de uma «ulcera gastrica».

Nos mezes de maio, junho e julho fiz o tratamento em sua casa e como não obtivesse melhoras, mandei-a recolher ao hospital desta Vila onde esteve até ao mês de outubro, seguindo o mais rigoroso tratamento e dieta, tendo-me orientado pelas prescrições que L. Pran faz no seu livro de «Therapeutique Unique des Maladies de l'Estomac», que em muitos anos me tem dado resultados maravilhosos mas que neste caso apenas deram um pequeno alivio á doente, que, como disse, teve alta no mez de outubro, pois desejava muito ir para casa.

Passadas poucas semanas voltava, tendo piorado bastante, e, nos mezes que se seguiram até março de 1926, longe de melhorar ia sempre a peor. O seu estado geral principiava a sofrer a influencia da sua doença do estomago e os sintomas desta iam-se agravando.

Aconselhei a doente a ir ao Porto para ser radiografada e no caso de a mesma indicar que devia ser operada se submeter a uma intervenção cirurgica pois que varios medicos tinham desesperado de a curar.

Tive conhecimento de que no Porto não tinha obtido melhoras, antes pelo contrario o seu estado se agravava e que no mez de setembro quando foi a Fátima se sentiu muito mal.

Hoje está completamente curada não havendo nenhuma terapeutica que pudesse fazer uma cura tão completa e perfeita, sendo necessario admitir a intervenção de um poder sobrenatural para explicar o facto.

Por ser verdade passo o presente que assigno.

Ponte da Barca, 11 de Dezembro de 1926.

(a) Bernardo Maria Coelho Vieira Ribeiro

(Segue o reconhecimento)

OUTRO ATESTADO

Rosa Maria Ribeiro, de 22 anos, vem sofrendo do estomago ha cerca de 17 mezes.

No exame a que procedi em 8 de setembro findo, a palpação do epigastro era muito dolorosa, e segundo me disse, tinha tambem dores espontaneas e intolerancia para todos os alimentos, excepto o leite.

Pelos sintomas objectivos e pelas queixas da doente, parecia tratar-se duma gastrite ulcerosa.

Voltando a ver hoje a doente notei que o epigastro era indolor á pressão mesmo profunda, e, segundo afirma, já não sente dores e pode tomar todos os alimentos sem qualquer incomodo.

Parece que a doente está curada não tendo tomado qualquer medicamento entre estas duas consultas.

E por ser verdade e me ser pedido, passo a presente declaração.

Porto, 11 de outubro de 1926.

(a) Albino Domingues dos Santos (medico)

(Segue o reconhecimento)

Victor Ferreira Paulino, Rua da Praia do Bom Sucesso, 33—2.º Dr.—Pedrouços diz o seguinte:

Eu sofria há 20 annos de varizes nas pernas, consultando varios medicos sem resultado. Dando uma pancada há 3 annos appareceu-me um eczema. Desde então ora estava mezes de cama, ora andava arrumado a 2 bengalas. Recorrendo ao tão milagroso chá da terra de nossa Senhora de Fátima; comeci ora sentindo alivios, ora agravando-se com novas crises. Quantas lagrimas me correram pelas faces imgrecidas Não tenho vergonha de o dizer sendo homem mas o sofrimento era tanto...

Noites e dias sem socêgo, de quando em quando pondo paches sempre molhados no chá da terra; e nossa Senhora á minha cabeceira noite e dia iluminada, e eu sempre com o meu terço, rezando de quando em quando. Quantas vezes desesperei... julgando não ser digno de tão grande graça de nossa Senhora.

Varias pessoas me quizeram desviar de tão simples tratamento, por não terem fé.

Felizes dos que creem em Deus Nosso Senhor, e na protecção de nossa divina Mãe, que nunca desampara aqueles que n'ela confiam plenamente. E' isto o que me fazia compreender uma piedosa menina Julia Marques Morgado. Que nossa Senhora lhe conceda a graça de curar com a Santa Agua.

Em 13 de Maio de 1926, já com grandes melhoras, mas ainda com muita dificuldade fui a Fátima e obtive a benção dos doentes. Continuei a melhorar com a graça de Nossa Senhora—e em 13 de Julho do corrente fui agradecer a Nossa Senhora; pois já me considero curado.



Narciza de Jesus Teixeira, de 28 anos de idade, natural de Cahide, sofria ha 6 annos de uma doença de estomago a que os medicos davam o nome de dyspepsia dolorosa a qual a impediu de tomar qualquer alimento, excepto leite, durante este longo espaço de tempo; por vezes nem mesmo este podia tomar, aguentando-se a tomar apenas chá. Logo no principio da sua doença consultou, no Porto, o Dr. Pinto Leite que a radiografou encontrando um principio de ulcera, ainda muito pequena, mas que já fazia sofrer muito a doente. Submetendo-a ao tratamento exclusivo de leite, não experimentou melhoras, passando depois a ser tratada pelo Dr. Alberto Pimenta que lhe fez varias lavagens ao estomago continuando com o mesmo regimen lacteo.

Passou ainda por varios medicos, mas sempre sem colher o mais pequeno beneficio, passando no meio dos maiores sofrimentos os ultimos 6 annos.

Residia habitualmente em Cahide, onde era seu medico assistente o Dr. José Faria, o qual lhe passou o atestado comprovativo da sua enfermidade nos primeiros dias de Setembro quando a doente pensou em ir á Fátima.

Por este tempo sofria horrivelmente, tendo a maior intolerancia, mesmo pelo leite o que a obrigava a tomar quasi exclusivamente chá.

Fez má viagem desde o Porto até Leiria onde ficou na noite de 12 para 13, tomando ali uma pequena porção de agua de N.ª Senhora. No dia 13 recebeu a Sagrada Comunhão na Cova da Iria cerca das 10 horas, tomando depois com grande custo uma pequena porção de leite e depois agua de N.ª Senhora por algumas vezes até ao fim da Missa dos doentes, benção e procissão de N.ª Senhora.

Durante todo o tempo que permaneceu no abrigo dos doentes esteve num grande mal estar, cheia de dores e aflições não sentindo o menor alivio, nem mesmo na ocasião da benção especial, dada com o S. S. Porem á benção geral do povo sentiu desaparecer todo o seu sofrimento e mal estar, ficando completamente curada e sentindo imediatamente disposições e appetite para comer.

Terminadas todas as ceremonias tomou alguns alimentos frios sem sentir o mais ligeiro incomodo. Assim continuou o resto do dia fazendo de noite a viagem para o Porto sem sofrimento algum. São passados 10 mezes sem que nunca mais lhe apparecesse signal algum da doença e come de tudo sem que os alimentos, ainda os mais pesados, lhe façam mal. Tem presentemente bom aspecto, um pouco rosada, sendo antigamente bastante pallida.

Para manifestar o seu reconhecimento a N.ª Senhora quer tornar publica a sua graça especial que recebeu da Mãe de toda a misericordia.

Outras graças

Obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e que prometeram publicar:

José de Freitas, da freguesia de Bonventura (Funchal); Alice Martins Mano, rua Damasceno Monteiro-12-2.º, Lisboa; Francisco Pereira Mata, de Cozimbra; Felisbela de Jesus Madureira; rua

31 de Janeiro, 80, Porto; Maria José Tamagini de Carvalho, de Labugueira, (Alenquer); Maria Emilia Queiroz e Lemos, da Casa do Cruzeiro, Vizeu (em grande aflicção por doença de seu marido); Francisco Lobato Leitão, de Andreus, Sardoal (em perigo de se perder uma carta de importancia); uma filha de Maria, de Lamego (o alivio de grandes dores, quasi impossibilitada de se mover); Olinda Portocarrero, hospital de Santa Cruz Braga (a cura de uma religiosa desenganada do medico); Maria da Conceição Gambôa, de Olhalvo (em doença grave de seu marido); Amélia Chevalier Loureiro, do Prado (Braga); António F. Sargaco, de Fornos (Arazéda), esteve tres annos doente; Carlota de Vilas Boas Porto, trav. Enviado d'Inglaterra 1-2.º, Lisboa (uma graça que parecia impossivel obter); Dr. Inocencio Asterio de Menezes Lins, Juiz de Direito em Maroim, Sergipe, no Brazil (prometeu assignar a Voz da Fátima e rezar de joelhos com a familia, durante nove dias, o terço a N. Senhora, mesmo antes de obter a graça da actual colocação); Maria do Rosário Nobre, professora na Escola Normal de Braga, obtendo a graça de sua promoção que debalde esperava havia oito annos apesar de ter direito a ela e que alcançou logo que recorreu a N. Senhora; Maria Aurora Fonseca e Silva, de Valega, Ovar, no meio de uma grande dificuldade recorreu a N. Senhora da Fátima, rezou uma Avé Maria e foi atendida; Eduarda Albertina Tavares de Sant'Iago, da Lapa do Lobo (Canas de Senhorim), um caso muito difficil; Eugénia d'Abreu Castelo Branco, da Louzã, a graça de a ter curado d'uma doença que muito a fazia sofrer e uma pessoa de familia que só começou a melhorar quando lhe deram agua da Fátima; Maria Olin-da Lopes, do Concelho de Vila Nova d'Ourem, prometeu uma novena de terços e fazendo uso da agua da Fátima viu-se livre do sofrimento em um pulso que o medico reputava incurável; Maximiana dos Santos, de Salvaterra de Magos, estando um seu filho á morte; Olivia Inês da Rocha, rua Armenia, 30-Porto, sofrendo três annos dos pulmões e começou a melhorar desde que recorreu a N. Senhora; Uma devota da freguesia de Montelavar, Sintra; Maria da Glória, do Carregal (Ourem); Gracinda Acabona, da Murtoza, em uma grande aflicção, Maria Emilia Alves Diniz, de Lagares da Beira, oferece o seu trancelim de ouro por uma graça recebida; Leonor d'Oliveira, de Lagares da Beira; Maria Gloria Ferrão; Braz Ribeiro, duas graças; João José d'Araujo, de Ponte Delgada.



O menino Antonio da Costa Cunha Viana (e seus paes) curado miraculosamente conforme a narração e atestado publicado a folhas 4 do n.º 57 de 13 de Junho ultimo, da VOZ DA FATIMA.

Uma lista interessante

Porque não ouviste missa hoje? (pergunta a tia Izabel ao sobrinho João).

— Ora, respondeu este, aquêles que vão á missa todos os dias, não são melhores do que os outros.

Depois de uma pequena demora e como que tratando-se doutro assunto, disse a tia:

— João, queres fazer-me um favor?

— Pois não! Com muito gosto.

— Procura os nomes de trinta pessoas

da cidade, as peiores que conheces, e traze-me esta lista.

— Mas que queres fazer com ela?

— Eu t'o direi.

João, embora achasse a ideia da tia bastante extravagante, fez a lista pondo nela o que havia de mais canalha em toda a cidade.

— Então, dize-me cá, é esta a gente (pergunta ela ao sobrinho) que vai á Missa?

— Ah! isso não.

— Pois então, João, já vês que não são os que vão á Missa que engrossam a fileira dos vagabundos.

E se ha entre os católicos praticos alguns que não são melhores que os outros, não é porque vão á Missa mas simplesmente porque não sabem aproveitá-la como deveriam.

VOZ DA FÁTIMA

Despeza

Transporte...	73.695\$26
Papel, composição e impressão do n.º 58 (35.000 exemplares)...	2.101\$00
Sêlos, expedição, gravuras, caminho de ferro, etc...	555\$19
Outras despezas...	251\$00
Soma...	76.602\$45

Subscrição

(Outubro de 1926)

Enviaram dez escudos: D. Perpétua Cardoso Norberto, D. Maria Cardoso Norberto, D. Aurora Tavares Pereira, D. Circunscião Castilho Miranda, P.e António Rodrigues Pereira, Caetano Moreira, José Fernandes d'Oliveira Mendes, D. Carolina da Silva Correia de Lacerda, Mendes Mimoso, D. Estefania Maria da Silva Correia de Lacerda Mendes, D. Clara Adelaide Bastos, D. Maria da Gloria Miranda da Rocha, Piedade Lourenço, P.e José Ferreira Faustino, Duarte José d'Oliveira e Carmo, D. Antonia de Jesus, Carlos Abreu Costa Reis, D. Ludovina de Jesus Lopes, José Clara, D. Palmira Rosa Belo, D. Antónia da Silveira Pinto, D. Alice Sobreira de Assis Martins, D. Ester Pires, D. Maria da Glória Pacheco Pereira, D. Maria do Carmo Ribeiro, D. Maria Salema d'Avilez, D. Maria Perestrelo Orey, D. Luiza Empis, D. Olimpia Pereira Coutinho, D. Candida Nunes Ribeiro, D. Julieta Alves Vedras, D. Maria Teresa Pinheiro Chagas, D. Maria Leonor Tomé, D. Gertrudes Magna Salgueiro Dias, Victorino Gomes, D. Felicidade Amorim, D. Angela da Silva Vieira Taveira, Eugénio Vaz Vieira, D. Maria Augusta P. Gomes, Alberto Gomes (20\$00), D. Maria Rosa de Jesus, Joaquim Manuel Gravato, Joana Baeta, D. Maria dos Anjos Ferreira, Faustino Daniel, D. Maria Lucinda Barbosa Matos, D. Umbelina da Conceição Dias, D. Agueda Gonçalves da Silva, D. Maria da Boa Morte Coelho, D. Maria Amélia de Magalhães Mexia de Sande Salema da Costa, Manuel Simões Barcelos, Nicolau d'Almeida, António Marta, D. Ana Patrocínio Neves, José Julio da Silva, D. Maria da Conceição Vieira, D. Eleisa Miramon Rios, D. Mariana Anália Afonso, D. Maria G. Polvora, D. Beatriz Rodrigues, (20\$00), Manuel Rodrigues, João Fernandes Casqueira, D. Maria Ribau, P.e José Maria Ribau, D. Antónia Gaspar Fernandes Gião, D. Ana da Conceição Sousa, António Alves Fragal, D. Maria Antónia Gaspar Mendes Marques Tapú, Dr. Weiss d'Oliveira P.e Manuel Fernandes (20\$00), P.e António Fernandes, D. Maria Carolina Ferreira Dias, D. Emilia da Conceição Marques, D. Maria Laura de Moraes, P.e Roberto Maciel, D. Maria Irene da Silva Passos, Joaquim Miranda, D. América da Glória Torres Ribeiro das Neves, Mateus Leiria, D. Jovita Zenha Conego Manuel Fernandes Nogueira, (20\$00), D. Joseja G. Castanheira, D. Maria da Piedade Almeida, P.e António Gomes S. Miguel (8\$00), Silverio Pereira da Conceição, D. Maria Reis Duarte, D. Luiza Stadlin (20\$00), Norberto da Conceição Ramos, D. Maria Rita Pereira da Cunha (20\$00), P.e José Gonçalves da Costa, Maria Albina de Jesus, D. Maria Rosa da Mota, D. Laurentina da Silva Miranda Nunes, D. Joaquina d'Albuquerque, D. Adilla de Vasconcelos, D. Filomena Augusta Pinto Dias, D. Maria Lú-

za dos Remédios de Moura Abranches, D. Alice Ramos Simões (18\$00), António Rodrigues Coelho, D. Angela Maria de Sá Botto Machado, D. Herminia Neto, D. Maria José Campos, D. Maria da Conceição Coelho (11\$00), D. Marta da Luz Teixeira Rodrigues, José Fernando Reynolds de Sousa, D. Joaquina d'Almeida, Manuel Rodrigues de Sousa, D. Engrácia d'Assunção Covas (de jornais: 90\$00). D. Henriqueta Meireles, José Pereira Claudio, D. Aurora Antunes, D. Ester Neves Pais de Brito, D. Justina Teixeira de Carvalho, D. Albertina Azambuja, Teixeira de Carvalho, P.e António Alves Pereira, José Fernandes, P.e Amadeu Pereira Cardoso, Emilia Rosa de Jesus, D. Angelina Dias Espírito Santo (40\$00), D. Maria Beatriz Pinheiro Guimarães, P.e Jaime José Ferreira, D. Teresa Xavier Ramos Neto, D. Virginia Augusta Lopes Campos, D. Arminda Santos, Pároco de Beiriz.

Episodios Eucarísticos

Bemaventurados os que teem fome... — Duas petizinhas, irmãs, ambas alunas dum collegio. — A mais novinha, apenas de cinco anos, já tem fome de Jesus e suspira pelo dia em que o seu coração se tornará em um cibório vivo. E' com uma santa inveja que ela vê a sua irmã mais velha avançar cada dia para a Santa Mesa. Uma vez que esta se conservava toda recolhida na sua acção de graças, a mais novinha sobe para o genuflexorio, chega os lábios aos ouvidos da irmã e com força sopra estas palavras: «Dize-Lhe que eu O amo muito, muito!»

Tenho outras ovelhas é necessário que eu as traga... Anda á roda dos cincuenta esta primeira comungante, a boa Miramba, que depois de bem rasgada nos silvados do caminho caiu no apostólico laço d'uma religiosa. Ela agora é feliz e tão feliz que declara a quem quer ouvir-a que, se a sua felicidade presente continuasse, não pediria outro Céu.

Ela tinha perfeitamente compreendido que o céu era Deus e que este estava na sua alma. Antes de sua primeira Comunhão, quando lhe falavam no amor de Nosso Senhor e quanto Ele o provou na sua dolorosa paixão, exclamava: «Ah! Porque é que não m'o disseram ha mais tempo? Se eu soubesse tudo isto que Ele tem feito por mim eu nunca o teria ofendido.»

Coincidencias interessantes

Uma madrugada de fevereiro, Emilia de Figueiredo, casada em Leiria, foi lavar a sua roupa a um regato existente a pequena distancia da cidade. Esperava-se revolução e a cidade estava rodeada de policia. Por isso e pelo escuro a Emilia ia cheia de medo. Para o disfarçar, enquanto lavava, pôz-se a cantar os versos das Aparições de N. Senhora da Fátima.

Quando já era dia viu luzir qualquer coisa no fundo da água. Qual não é o seu espanto quando depara com uma medalha de Nossa Senhora da Fátima cujas misericórdias cantára toda a madrugada.

Esta é a primeira coincidência, que ela, admirada, não cessava de contar á vizinhança.

Dias depois partia para a revolução o soldado seu visinho Alfredo Raimundo, também casado, nesta cidade; partia cheio de tristeza porque tinha o presentimento de que ficaria por lá, varado por alguma bala. Assim o comunicou á sua vizinha Emilia que o animou, dizendo-lhe que não morreria porque o ia pôr sob a protecção de N. Senhora e lhe emprestaria a medalhinha que tinha encontrado quando lavava a roupa, mas esperando que elle lh'a restituísse.

Um dia chega a Emilia a casa e dizem-lhe que o Alfredo já estava na forma para partir para Lisboa. Como mora perto do quartel vai ao encontro da força, observa de que lado ia o Alfredo e consegue, sem ser notada, entregar-lhe a medalha, que ele guardou.

Em plena revolução em Campolide, caiu, sem saber como, e querendo levantar-se parecia que tinha em cima um enorme pêso que lh'o nao permitiu. D'ali a pouco sente-se amparado pelos seus camaradas que o levantaram, verificando-se então que o soldado tinha o capote e mochila varados de balas sem que nenhuma o atingisse. Voltando a Leiria todos os que sabiam dos acontecimentos lhe davam os parabens, incluindo a vizinha Emilia que exigiu a entrega da medalha, a que o Alfredo se opôz, exclamando: «peça-me tudo, menos essa medalhinha que me salvou a vida e que não mais sairá do meu peito».

A vizinha concordou e não mais exigiu a medalha.

Firmes!...

— Quando entrei como aprendiz numa casa muito conhecida (assim contava um operario), os meus companheiros tentaram logo arrancarme os sentimentos cristãos, empreza que julgaram facil, porque eu não tinha então mais que treze anos e meio.

Mas, por graça de Deus, não me deixei intimidar pelos sarcasmos nem comover pelos sofismas.

Um incidente, pouco importante na apparencia, acabou por me conciliar senão as simpatias de meus camaradas, ao menos o respeito por minhas convicções. Perguntou-me, certo dia, um companheiro que horas eram.

Respondi-lhe que visse no bolso do paletot, onde eu tinha deixado o relógio. Ele achou juntamente o terço, de que começou a fazer grande troça.

Sem me amedrontar dirigi-me a ele e disse-lhe.

— Este é um objecto sagrado. Não permito que estejas a escarnecelo. Da-mo cá já.

— Então tu tambem usas desses trastes de beatas?

— Uso do que quero e não tenho que dar-te satisfações.

— Cuidado, disse o outro, que não te suceda qualquer coisa desagradável, se isso se tornar notorio.

— Pela minha religião morrerei, até, com todo o gosto.

Vendo que eu não me acobardava. calaram-se e nunca mais me aloquentaram.

Eis quanto vale não ter medo!

E não esqueçamos que diz N. Senhor, quem se envergonhar de mim, eu me envergonharei d'ele.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.107\$55
M. Maximo	10\$00
	5.117\$55

CUIDADO!...

Voltaire, o inimigo mais feroz e obsecado que teve a nossa sacrosanta Religião, teve o descaro e a audácia de emprazar o nosso Divino Salvador para uma determinada data.

«Asseguro-vos, dizia em uma carta ao seu amigo e correligionário Frederico II da Prussia, que dentro de 20 anos o Galileo (assim chamava a N. Senhor Jesus Cristo) terá um bom dia».

Sem duvida a Justiça divina aceitou o repto. A 28 de Fevereiro de 1778, isto é, no mesmo dia em que se completavam os vinte anos (a carta, que se conserva ainda hoje, fôra escrita a 28 de Fevereiro de 1758), Voltaire exalava o seu derradeiro suspiro, no meio das mais dolorosas convulsões, proferindo as mais horribes blasfémias e devorando os seus proprios excrementos...

O seu médico, Troughin, diz, ao descrever a sua morte: «quizera que todos os que se hão deixado seduzir pelos livros de Voltaire assistissem á sua morte; não era possível resistir a semelhante espectáculo».

Suportar o próximo

Ha gente que não pode viver em paz com ninguem e, com franqueza, é um grande defeito moer a paciencia dos outros pelo nosso mau humor.

Suportar pacientemente os defeitos do próximo e com espirito de caridade, é um grande dom.

O Celebre Cassiano de quem existem muitas obras e, entre elas as Conferencias dos Padres do deserto, conta que uma alma de Alexandria, tinha tanto amor ao sofrimento, que não contente de suportar de boa vontade os que Deus houvesse por bem enviar-lhe, procurava ainda com ardor tudo o que podia dar-lhe occasião de sofrer e exercer a paciencia.

Nesse tempo a igreja d'Alexandria sustentava muitas viúvas e ela, para auxiliar a Igreja, foi pedir a Santo Atanásio que lhe mandasse lá uma para casa para ela a sustentar.

O Santo, tendo louvado muito o seu designio pediu que lhe escolhessem uma de espirito manso e de grande piedade, a quem ela levou para casa rodeando-a de toda a sorte de atenções e cuidados.

Mas como esta pobre mulher não cessava, a todo o momento, de a louvar e agradecer as suas bondades foi ter com o santo bispo e queixou-se de que tendo pedido uma mulher que lhe desse ensejo de se vencer e merecer, acontecia o contrario.

Santo Atanásio não compreendeu logo o alcance da queixa e imaginou que «e não tinham cumprido as suas ordens, mas, melhor informado, e sabendo que tinham escolhido uma viúva cheia de piedade, compreendeu o que aquela senhora queria dizer nas suas queixas e tratou de lhe fazer a vontade.

Mandou que lhe escolhessem uma de espirito rabugento, d'um génio impossivel (e esta, diz Cassiano, foi bem mais fácil de encontrar que a outra).

Efectivamente a escolhida era sêca, colérica, acrimoniosa, queixando-se sempre de tudo. Fel-a conduzir para casa desta senhora e esta procurou tratá-la ainda com mais carinho que a outra. Em paga não recebia senão ingratições, queixas e maus tratos.

Esta má viúva contrariava-a continuamente em tudo e levava ás vezes a sua colera até ao ponto de lhe bater.

A santa mulher encontrou, pois, mais do que desejava e foi agradecer a Santo Atanásio ter-lhe enviado uma mulher que a ensinava a ser paciente e lhe fornecia todos os dias tantas occasiões de merecer.

A's vezes ela sentia sobre si todo o peso d'aquelle fardo mas nem por isso deixava de continuar no seu modo de proceder.

Depois de ter assim vivido algum tempo neste exercicio da caridade e da mortificação, morreu santamente no Senhor.

Suportando o próximo, fazemos mais bem a nós mesmos que aos outros. Não poderemos talvez senão conservar ou curar o corpo dos outros mas resuscitamos ou conservamos a nossa própria alma amando-os e assistindo-os.

A caridade é um negócio em que se recebe muito mais que se dá.